

# GUILHERME DE MELO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EM DEZEMBRO DE 1999, NA OCASIÃO DO LANÇAMENTO DO LIVRO  
*O HOMEM QUE ODIAVA A CHUVA*

A par de um sorriso longo e fraterno, há um olhar de céu e mar, muito azul, feliz. Guilherme de Melo, jornalista e escritor. Capricórnio, solteiro e «mau» rapaz. Um talento na escrita e na arte da amizade. Cabelos brancos que não vergam um espírito apaixonado como um menino que joga à bola nos jardins proibidos. Uma vida nos jornais, com a alma grande dos sábios que não ousam o vedetismo.

A maior ilusão? «Sonhei ficar a vida inteira em Moçambique», onde nasceu. A maior perda? «Os meus pais.» Mas sabe virar as adversidades do avesso: «Dou-lhes sempre a volta por cima.» O sentido de família é nele mais forte do que tudo. Tem com a vida e a morte «um diálogo tranquilo». Escuta Tchaikovski, Debussy e Brahms. A maior conquista? «A liberdade e o desejo de ainda ver reconhecido o direito à diferença.» Um homem de pazes feitas com o mundo.

## **A perversidade que atravessa os contos deste novo livro – *O Homem que Odiava a Chuva* – pretende ser uma denúncia da condição humana?**

Em parte. Mas não foi essencialmente com esse objetivo que o escrevi. Não procurei fazer um livro moralista ou moralizador, de forma nenhuma. Escrevi-o, sobretudo, porque acho que o lado perverso das pessoas é sempre muito mais divertido, muito mais apaixonante do que o lado certinho e claro de cada um.

## **Como pode ser mais apaixonante o lado mau do homem?**

A vida para mim é sempre um jogo. Quando mostra o seu lado bom – o tal lado certinho –, o ser humano não está realmente a jogar com a vida. Só o faz quando se entrega ao lado mais ou menos perverso inerente à natureza humana. E, aí, só Deus sabe onde param os limites. É isso que me apaixona.

## **Com tanta perversidade, Deus conseguirá controlar esses limites?**

O que me apaixona é, exatamente, saber até que ponto o homem consegue ultrapassar os limites que supostamente Deus traça. Pergunto-me: será que Deus não é, por vezes, perverso para com o próprio homem?...

## **Eterno dilema: que Deus governa este mundo?**

Ora bem: um Deus bom, ingénuo, doce ou um pai austero, punidor e implacável nos seus desígnios?! Tenho amigos, por exemplo, que viveram anos esmagados pelo terror de contraírem a sida, privando-se de toda a aventura; de repente, descobriram-se com um cancro em fase terminal; ou outros que, ao atravessar a rua, foram

mortalmente atropelados. Isto não é uma perversidade desse Deus? Para mim, a perversidade significa também o atalho que leva à surpresa e não a estrada direita que conduz ao que de antemão se espera.

**Recordo Cláudio de um dos seus contos: larga um cigarro, deflagra-se o incêndio e foge com culpa e cobardia. A fuga pelos atalhos mata todos os medos?**

O que começou por ser uma fuga cobarde acaba por se transformar num perverso e secreto prazer. Tento mostrar que nós próprios não nos conhecemos até ao momento em que algo fortuito nos revela o lado oculto da lua que nos habita. Não faço a apologia de incendiários. Apenas procuro demonstrar que os falsos anjos andam por aí todos os dias.

**Ao longo da sua vida andou por muitos atalhos?**

Também os trilhei, em muitos casos por necessidade. A partir de certo momento resolvi transformar muitos deles em estrada que abri num jeito de *bulldozer* imparável. Paguei algumas faturas.

**Arrependimentos?**

Estou como na canção da Piaff: não me arrependo de nada.

**Noção de pecado, não tem?**

O pecado é algo muito subjetivo. Repare: o que para outros será pecado poderá ser para mim a essência da minha própria natureza.

**A tal paixão pela perversidade?**

Sustento que a perversidade faz parte do jogo da vida. Importa nunca a confundir com perversão. A perversidade diverte-me, a

perversão repugna-me.

### **Que fronteiras se poderão encontrar entre perversão e perversidade?**

Enquanto a perversidade pode ter engenho, ser, até, divertida para quem a segue como espectador, a perversão é sempre terrivelmente doentia, roça o lado destrutivo e sujo que também, não raro, acompanha a natureza humana. Atrevo-me a fazer uma analogia com o que diferencia o erotismo da pornografia.

### **Como poderá alguém divertir-se com uma personagem de um dos seus contos – o Alberto –, que vinga o seu desemprego nos cegos?**

Aí está um caso em que a perversidade descamba em perversão pura. Toda a perversão deve ser castigada. É a única personagem dos nove contos deste livro que acaba castigada.

### **Castigada por uma mulher-polícia e não por Deus...**

E quem lhe diz que não foi Deus que, naquela manhã, lhe pôs essa falsa cega no caminho?...

### **Afinal, qual a sua relação com um Deus que admite ser igualmente perverso?**

Voltamos à questão dos limites da perversidade. Talvez Deus castigue quem os ultrapassa.

### **Sonha alcançar o céu?**

Não acredito em céu e inferno tal como a doutrina os pretende, mas creio numa vida depois desta mais terrena. Sonho com qualquer coisa que me dê a paz que a vida terrena torna sempre tão difícil.

### **A profunda saudade que tem de sua mãe leva-o à crença numa vida para além da terrena?**

A ideia de a re-encontrar está intimamente ligada à minha crença numa outra vida. A ela e a todos aqueles que, de facto, foram parte boa da minha vida terrena e realmente amei e senti que por eles fui amado.

### **O divórcio dos afetos ressalta deste seu livro, logo no primeiro conto. Por onde anda o Amor?**

Esse divórcio é das coisas que mais me chocam no mundo de hoje. Cada vez mais encara-se o sentimento do amor como um fogo efémero, continuamente apagado e reacendido noutra tempo, noutra espaço, noutras pessoas. Daí que tantos jovens arrastem uma existência de permanente carência de afetos com todas as suas dramáticas e conhecidas consequências.

### **Geração perdida ou mal-amada?**

Mal-amada. Mas ainda a tempo de se não perder, sobretudo porque ela mesma começa a ter consciência da necessidade de re-encontrar o amor.

### **Que livro gostaria de oferecer a alguém perverso?**

A história de *O Lobo Mau e o Capuchinho Vermelho*.

### **Ao fim de anos a fio ligado ao romance, volta ao conto. Alguma motivação em especial?**

Tinha anotado, ao longo dos últimos anos, ideias que, uma vez desenvolvidas, poderiam dar origem a outros tantos romances. Mas como não gosto de viver escravizado ao computador, achei que

talvez me não sobrasse já tempo suficiente para tudo isso. Então, por que não transportar essas ideias para contos – pensei? Assim fiz.

**A propósito de computadores: há uma história neste seu livro que deixa supor não morrer de amores pelos seres virtuais...**

Detesto computadores, embora já não saiba viver sem eles. Mas tenho uma sobrinha que é uma autêntica maluquinha pelo mundo virtual criado pelos computadores. Esse conto é uma espécie de homenagem (perversa) que lhe quis prestar.

**E logo com uma cobra virtual venenosa!...**

Talvez fruto da minha raiz africana.

**Começou em África a sua carreira e teve a poesia como ponto de partida. Para quando o regresso ao poema?**

É um projeto que tenho vindo a adiar. Estou, porém, a considerar a hipótese de lançar uma coletânea do que julgo ser a minha melhor poesia.

**A poesia é o género literário mais difícil?**

Para mim, não. A poesia aconteceu-me sempre com fluência. Só que sou muito mais autocrítico nesse campo do que na prosa.

**Que poetas mais o marcaram?**

Na juventude, Régio, Botto, Reinaldo Ferreira. Na maturidade, Sofia, Herberto Helder, Maria Teresa Horta, Eugénio de Andrade. Dos últimos poetas que se revelaram: Ana Marques Gastão e Ana Luísa Amaral, entre outros.

### **Novo romance na forja?**

Já existe o esqueleto. Faltava enchê-lo de carne, sangue, nervos e roupa. Todo passado numa só noite...

### **Ao reformar-se do jornalismo, decidiu cultivar a preguiça?**

Já o meu querido amigo Fernando Dacosta defende que o direito à preguiça devia estar consagrado na Constituição!...

© *MARIA AUGUSTA SILVA*